

MOCHILA NAS COSTAS E DIÁRIO NA MÃO

A FASCINANTE HISTÓRIA DE
ASHBEL GREEN SIMONTON

ELBEN M. LENZ CÉSAR

MOCHILA NAS COSTAS E DIÁRIO NA MÃO

A FASCINANTE HISTÓRIA DE
ASHBEL GREEN SIMONTON



Editora Ultimato
Viçosa, MG

MOCHILA NAS COSTAS E DIÁRIO NA MÃO
Categoria: Biografia / Liderança / História

Copyright © 2009, Editora Ultimato
Todos os direitos reservados

*Primeira edição: Julho de 2009
Coordenação editorial: Bernadete Ribeiro
Revisão: Délnia M.C. Bastos
Paula Mazzini Mendes
Colaboração: Thales Moura Lima
Diagramação: João Jacob
Capa: Ale Gustavo*

Ficha Catalográfica Preparada pela Seção de Catalogação
e Classificação da Biblioteca Central da UFV

César, Elben M. Lenz, 1930-
C421m 2009 Mochila nas costas e diário na mão : a fascinante
história de Ashbel Green Simonton / Elben M. Lenz
César. – Viçosa, MG : Ultimato, 2009.
216p. : il. ; 21 cm

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7779-029-6

1. Simonton, A. G. (Ashbel Green) – 1833-1867.
2. Igreja Presbiteriana do Brasil. 3. Igrejas presbiterianas – Clero – Biografia. 4. Imprensa presbiteriana. I. Título.

CDD. 22.ed. 922.5

PUBLICADO NO BRASIL COM AUTORIZAÇÃO E COM TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

EDITORIA ULTIMATO LTDA
Caixa Postal 43
36570-000 Viçosa, MG
Telefone: 31 3611-8500
Fax: 31 3891-1557
www.ultimato.com.br

*Nascido 17 anos antes de 1850 e morto 17 anos depois de 1850,
Ashbel Green Simonton viveu na metade exata do século 19.*

Porque Ashbel Green Simonton se comprometeu publicamente com o evangelho, abraçou o ideal do ministério e se despertou para as missões aos 22 anos, porque veio para o Brasil como o primeiro missionário presbiteriano aos 26 anos e porque morreu um mês antes de completar 35 anos, este livro é dedicado especialmente à juventude brasileira.

Sumário

<i>Apresentação</i>	11
1. Mochila nas costas e diário na mão	15
2. Sobre o desenvolvimento do caráter e da vocação missionária	25
3. O clima de avivamento no século 18	37
4. O mais importante é a pessoa e não o que ela faz	43
5. É muito fácil esquecer os pobres em meio aos prazeres	49
6. A doutrina da cruz	55
7. Abertura de portos e portas	63
8. Rumo ao Rio	69
9. A bagagem de um jovem solteiro	77
10. Com os pés no chão	83
11. 1859 — o ano da contextualização	91
12. A Bíblia nas mãos do povo	97
13. O caráter vale mais do que o número	109
14. No meio dos horrores da escravidão	115
15. Duas guerras absurdas	127
16. Morte absurda	139
17. O evangelho anunciado na corte	145
18. As duas Helens	153
19. Doces alegrias e amargas tristezas	159
20. O padre José	165
21. O Destino Manifesto americano	173
22. O sucesso da <i>Imprensa Evangélica</i>	181
23. O flagelo dos missionários	189
<i>Notas</i>	197
<i>Bibliografia</i>	203
<i>Cronologia de Simonton</i>	209
<i>Mapa da costa atlântica</i>	211
<i>Índice onomástico</i>	213

Apresentação

Não foi difícil escrever a biografia de Simonton. Graças ao diário particular que redigiu dos 19 aos 33 anos, ele se tornou uma pessoa deliciosamente transparente. Os artigos que escreveu na *Imprensa Evangélica*, desde o primeiro número (15 de novembro de 1864) até o número anterior à sua morte (novembro de 1867), os relatórios que preparou para a Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos e para o Presbitério do Rio de Janeiro e os sermões que pregou do púlpito da Igreja Evangélica Presbiteriana do Rio de Janeiro, publicados em português em Nova York (junho de 1869) por seu cunhado Alexander Latimer Blackford — todos estes textos constituem as demais fontes para se elaborar uma biografia justa e bem fundada. Deve-se acrescentar o precioso sermão sobre “Deus é o nosso refúgio e fortaleza” (Sl 46.1), que ele pregou para a colônia americana no Rio de Janeiro no dia 21 de maio de 1865, por ocasião da morte do presidente Lincoln, e que foi publicado a pedido dos próprios americanos.

O difícil foi consultar dezenas de obras religiosas e seculares para situar a biografia de Simonton nas circunstâncias históricas do século 19, tanto nos Estados Unidos como no Brasil, sem deixar de lado os acontecimentos mundiais.

Fácil de um lado e difícil de outro, *Mochila nas Costas e Diário na Mão* foi escrito com a alma, ou seja, com muita edificação

pessoal e entusiasmo. E é exatamente isso que queremos repassar aos leitores. A poeira acumulada sobre a história inicial precisa ser retirada em benefício das denominações presbiterianas brasileiras, que têm o seu ponto de partida em Simonton, e das demais igrejas evangélicas históricas e pentecostais que de alguma forma se beneficiaram do lado positivo do seu curto e bem-sucedido ministério.

Damos muita importância ao dia 12 de agosto de 1859. Talvez devêssemos celebrar mais o ano de 1855, quando Simonton, aos 22 anos, deixou de ser um presbiteriano “certinho” para ser um presbiteriano convertido. Ele não mudou de confissão religiosa; o que mudou foi seu compromisso pessoal com Jesus Cristo.

O ano em que Esdras resolveu firmemente buscar, praticar e ensinar a lei do Senhor (Ed 7.10) é mais importante que o ano em que ele subiu num estrado de madeira para ler as Escrituras para o povo (Ne 8.1-9). O ano em que Saulo se encontrou com o Senhor Jesus junto à porta de Damasco (At 9.1-9) é mais importante que o ano em que ele apresentou o Deus Desconhecido aos filósofos de Atenas (At 17.16-31). O ano em que Agostinho ouviu alguém recitar o apelo de Paulo em favor do abandono de orgias e do revestimento de Jesus Cristo (387 d.C.) é mais importante que o ano em que ele escreveu as *Confissões* (397 d.C.). O ano em que Martinho Lutero redescobriu a graça de Deus na leitura da Epístola de Paulo aos Romanos é mais importante que o ano em que ele redigiu as 95 teses de 1517. O ano em que João Wesley ouviu a leitura do prefácio de Lutero para a Epístola aos Romanos (24 de maio de 1738) é mais importante que o ano em que ele começou a “derreter o gelo” da Igreja da Inglaterra. Assim também aconteceu com Simonton: o ano de 1855 é mais importante que o ano de 1859. A segunda data sempre é consequência da primeira. O que aconteceu no primeiro ano foi algo particular, íntimo, místico

e reservado; o que aconteceu no segundo, foi público, concreto, coletivo, contagiante e comprobatório.

O jovem rico e de boa posição que procurou Jesus era certinho – desde a mais tenra idade observava todos os mandamentos da lei de Deus (Lc 18.18-23). O irmão do filho pródigo era certinho – nunca desobedeceu a uma ordem do pai nem desperdiçou dinheiro e saúde com prostitutas (Lc 15.25-32). Saulo era certinho – estava mais adiantado que a maioria de seus patrícios no zelo religioso (Gl 1.14). Ashbel Green Simonton era certinho, tanto na ortodoxia como na ortopraxia – de tal forma que muitas pessoas achavam que ele deveria ir para o seminário e fazer teologia, antes mesmo de sua pública profissão de fé.

O mais valioso no *Diário de Simonton* é a história do desenvolvimento do seu caráter e da sua vocação, que a rigor começa com os registros de 1855. Os fatos vão fluindo numa sucessão inteligente e irrefreável, desde a preocupação de que era um rapaz de “poucos propósitos” (22 de janeiro) até o início da descoberta de sua vocação missionária (14 de outubro).

De fato, os próprios presbiterianos sabem pouco sobre Simonton, mesmo tendo à sua disposição, desde a comemoração do primeiro centenário de sua chegada ao Brasil (1959), a primeira publicação de seu diário (não completo), na tradução de Maria Amélia Rizzo. O que geralmente se sabe é o que ele fez e não quem ele era. O caráter de Simonton, todavia, é mais importante que seu ministério. Apesar da diferença de tempo e lugar, o jovem missionário é um exemplo para hoje. Mais lamentável é o fato de ele não ser lembrado nem comemorado em sua pátria, salvo raras citações de seu nome. Nem mesmo seu diário, escrito em inglês, foi publicado nos Estados Unidos. As cópias datilografadas no início do século 20 permanecem assim, e estão guardadas no Seminário Teológico de Princeton.

Por ser filho e neto de pastores presbiterianos, o nome Simonton sempre me foi familiar. Lembro-me de que seu nome estava gravado na parte interna do encosto de todas as cadeiras de uma de nossas salas da escola dominical da Igreja Presbiteriana de Campos. John Rockwell Smith, o missionário que ganhou para Cristo o primeiro membro de minha família a se converter, chegou a Recife quatorze anos depois de Simonton e é chamado de “o Simonton do Nordeste” no livro *Long Road to Obsolescence* (2009), do historiador americano Frank L. Arnold, ex-missionário no Nordeste brasileiro. Acresce-se a isso o fato de ter sido Alexander Blackford, cunhado de Simonton, o organizador da Igreja Presbiteriana de Campos, no Rio de Janeiro, em 11 de março de 1877, da qual fui membro até ser ordenado pastor presbiteriano.

Simonton exerceu uma grande influência em minha vida. Uma das inspirações para começar a publicar a revista *Ultimato* em janeiro de 1968 veio da *Imprensa Evangélica*, por ele iniciada em novembro de 1864. Foi com ele que eu aprendi a enviar a revista a pessoas fora do arraial protestante, “às autoridades, padres selecionados e outros possíveis leitores atentos”.

Que este livro o ajude, querido leitor, a levantar a poeira dos anos e respirar o ar puro do sopro revigorante do Espírito Santo, que não se pode apagar com o decorrer da história.

Elben M. Lenz César

1.

Mochila nas costas e diário na mão

"A crise chegou. Ou tomamos dinheiro emprestado ou empenhamos os relógios ou roubamos."

[9 DE DEZEMBRO DE 1853]

O jovem de 26 anos que se aventurou a vir para o Brasil como portador da fé reformada em 1859 era um privilegiado. Último filho de uma família presbiteriana muito crente, unida e grande (sete homens e quatro mulheres), Ashbel Green Simonton nasceu em West Hanover, no condado de Dauphin, na Pensilvânia, ao norte dos Estados Unidos. Só o fato de ter nascido neste estado, um dos mais importantes do país, deu-lhe um *status* de grande riqueza histórica.

Fundada e colonizada a partir de 1681 por um quacre de 37 anos chamado William Penn, nascido perto de Londres, a colônia transformou-se em um espaçoso e agradável refúgio para os protestantes não-filiados à Igreja da Inglaterra. William Penn recebeu o território (hoje do tamanho dos estados de Pernambuco e Sergipe juntos) de mão beijada: o rei Carlos II cedeu-o como pagamento de uma dívida que a coroa da Inglaterra tinha com seu pai, o almirante William Penn, que conquistou a Jamaica para os ingleses. Por haver muitas florestas na colônia, Penn a chamou de *Sylvania*, e o rei achou por bem

acrescentar *Penn* no início desse nome. Por causa do fator religioso, a Pensilvânia é apelidada de *The Quaker State*. A total liberdade de culto adotada pela colônia atraiu imigrantes escoceses, irlandeses e alemães. Os avós maternos e paternos de Simonton eram irlandeses. Entre os 1 milhão e 300 mil habitantes na década de 1830 (quando Simonton nasceu), além dos quacres, havia luteranos, moravianos, menonitas, batistas, metodistas, presbiterianos e até os *amish* (anabatistas que fazem questão de manter costumes conservadores, abrindo mão inclusive de equipamentos eletrônicos).

A maior cidade do estado já era a Filadélfia, chamada “a cidade dos quacres” e “a cidade do amor fraternal”, onde todas as denominações prosperavam, inclusive o catolicismo (hoje 13% da população da Pensilvânia não pratica nenhuma religião). Foi na Filadélfia que se reuniu o Congresso que escreveu a Declaração da Independência das Treze Colônias, separando-as do Reino Unido em 4 de julho de 1776. Também foi o estado que mais sofreu com a Guerra Civil Americana (1861-1865). Além de enviar aproximadamente 340 mil soldados às frentes de batalha, ali se travou a batalha de Gettysburg, uma das mais sangrentas da história, ocorrida em julho de 1863, quando 83 mil soldados do Norte derrotaram 75 mil soldados do Sul. Destes, 35% morreram ou ficaram gravemente feridos. Nem sempre a Pensilvânia fez jus ao seu lema *Virtue, liberty and independence*. A virtude é mais difícil e rara do que a liberdade e a independência.

O médico William Simonton e a esposa Martha Davis Snodgrass deram ao filho caçula o nome de Ashbel Green em homenagem ao reverendo Ashbel Green, pastor por 25 anos da 2^a Igreja Presbiteriana da Filadélfia (1787-1812), presidente por dez anos do Princeton College e depois da Universidade de Princeton (1812-1822), e editor por doze anos do *Christian Advocate* (1822-1834). Sobre o fato de ser um dos fundadores

do Seminário de Princeton (1812), o velho Ashbel Green escreveu vários livros (*História das Missões Presbiterianas, Palestras sobre o Catecismo da Assembleia de Westminster etc.*). Quando ele morreu, em 1848, Simonton era um adolescente de 15 anos.

Em 1846, com a morte do pai e do avô materno (que havia sido pastor da congregação de West Hanover por 58 anos), Simonton, sua mãe e seus irmãos se mudaram para Harrisburg, capital do estado, no mesmo condado de Dauphin. Depois de concluir o curso secundário na Academia de Harrisburg (cujo diretor era o reverendo Mahlon Long) e o curso superior no Princeton College, no estado vizinho de Nova Jersey, Simonton, aos 19 anos, estava pronto para iniciar sua carreira de professor. Foi um privilégio estudar no Princeton, porque por aquela escola, fundada por presbiterianos em 1746, haviam passado, ou passariam até o fim do século 19, 1.087 ministros do evangelho, um presidente e dois vice-presidentes dos Estados Unidos, 310 altos magistrados e 187 presidentes de universidades e seminários teológicos. Mesmo tendo sido batizado e consagrado a Deus na infância, e mesmo em meio a todo esse ambiente religioso, em casa, na igreja, na Academia e em Princeton, Simonton não fazia o que todos esperavam dele: deixar de ser membro não-comungante para ser membro comungante por livre escolha e pública profissão de fé.

Pouco depois de sua formatura em 1852, Simonton deu início ao seu *Diário*, que na segunda edição em português (2002) possui 160 páginas. Logo no início, diz espirituosamente: “É muito comum ouvir-se o universitário falar na vida enfadonha de estudante e de quanto deseja a ‘vida ativa’ ou ‘passar logo para a ação’ etc.”. O *Diário* seria para ele registrar sua “entrada na vida ativa e verificar até que ponto a realidade está perto dos ideais que pairam na imaginação do estudante”. Nada melhor que viajar pelo mundo, conhecer lugares e pessoas, observar os circunstântes e as circunstâncias. O mundo que estava diante de

seus olhos era seu próprio país. O rapaz pôs a mochila nas costas e o diário na mão, e deixou a Pensilvânia e Nova Jersey. Foi descendo para o Sul, até chegar a Starkville, no Mississippi, onde conseguiu um emprego como professor. Nessa longa viagem, atravessou os estados de Maryland, Virgínia, Carolina do Norte, Carolina do Sul, Geórgia e Alabama. Usou todos os meios de transporte da época: navio, trem, diligência e lombo de burro. Deve ter percorrido pelo menos 2.500 quilômetros, de cidade em cidade, sem contar o retorno. Hospedava-se em casas de família, pensões ou hotéis baratos e comia comida simples. Como agente de dois periódicos presbiterianos, às vezes vendia assinaturas para reabastecer o bolso. Era um observador incansável das belezas naturais, das plantações, da miséria, da riqueza, das construções, das injustiças sociais, da situação política, dos cultos, dos acampamentos religiosos, e também da beleza feminina e dos vestidos e adornos que as mulheres usavam.

Fora os poucos anos que passou em Princeton, era a primeira vez que saía de casa por um longo período de tempo. Sentia-se um estranho em terra estranha. Alguns trechos da viagem foram feitos na companhia de James, um irmão mais velho, o mesmo que viria para o Brasil mais tarde. A primeira parada foi em Baltimore, Maryland, onde cada um pagou 75 centavos de dólar para jantar no *Barnums*. Era inverno (novembro de 1852) e fazia frio. Foi preciso comprar um casaco de 13 dólares. Simonton não podia imaginar como aquela cidade seria importante na vida dele: seis anos e meio depois ele tomaria em Baltimore o navio com destino ao Rio (18 de junho de 1859) e onze anos mais tarde se casaria com Helen Murdoch (19 de março de 1863).

No porto de Baltimore, Simonton, sozinho, tomou o *Herold* em direção a Norfolk, quase na fronteira da Virgínia com a Carolina do Norte. Foi preciso navegar a noite inteira para atravessar de ponta a ponta a baía de Chesapeake. Vale a pena recorrer ao *Diário*:

Era uma noite agradável e ainda fiquei muito tempo no convés, mesmo quando todos os passageiros já haviam se recolhido. Fiquei no tombadilho olhando, na escuridão, as luzes piscarem nos barcos que subiam vagarosamente a baía. Existe alguma coisa especial na escuridão da noite em um convés. Nunca encontrei hora melhor para meditação. Se as ocupações e pequenos cuidados do dia tomam conta de nós e até mesmo de nossos sentimentos, nessa hora de meditação os pensamentos e sentimentos concentram-se na vida interior. Todo o nosso ser (se a expressão for possível) parece sublimado, livre do que tem de mais grosseiro e absorvido por sentimentos tão suaves e delicados que sua influencia geralmente não é sentida ou passa despercebida, na correria do mundo agitado.

Voltando ao tempo, o que aconteceu durante a viagem e algumas das impressões e emoções pessoais do jovem aventureiro podem ser conhecidas por meio do seguinte relatório, cidade por cidade.

Norfolk, Virgínia

Simonton consegue uma lista de presbiterianos com o pastor local. Diz que “caçar presbiterianos” numa população de 16 mil pessoas seria o mesmo que “atirar em morcegos no escuro com uma espingarda”. Tenta “tomar a cidade de assalto”, mas não dá certo. Os maridos estão fora de casa e “as esposas não ousam fazer assinaturas”. Reconhece que faz juízo temerário dos outros e expressa o desejo de livrar-se da maledicência. Norfolk precisa de “uma injeção de energia e operosidade ianque” para tornar-se uma cidade mais abastada.

Petersburg, Virgínia

Na viagem fluvial, vê fazendas enormes de gente rica, às margens do rio, e passa por Jamestown, a primeira colônia inglesa na América do Norte (1607). Petersburg tem mais negros do que brancos.

Raleigh, Carolina do Norte

Gasta um dia inteiro na viagem de trem entre Petersburg e Raleigh (hoje pela rodovia são apenas 197 quilômetros). Critica a Casa do Legislativo: “as duas salas não têm tapetes e as mesas são tão frágeis que mais parecem carteiras de escolas primárias”. Conversa com o pastor Lacy e o senhor Gilman sobre a possibilidade de emprego e é aconselhado a ir a Greensboro, mais ao norte, onde uma nova escola será construída. Porém, registra: “Considerando que não pretendo adotar o magistério como profissão, não convém dar-me ao luxo de sair tão fora do itinerário só por causa da possibilidade de colocar-me”. Dorme mais cedo porque no dia seguinte será “sacudido, apertado, e golpeado das dez da manhã às dez da noite na carruagem para Fayetteville”.

Fayetteville, Carolina do Norte

A viagem de 56 milhas (90 quilômetros) é mais divertida do que cansativa — na diligência há mais quatro pessoas além do cocheiro: dois rapazes de Nova York, um jovem advogado de Fayetteville e um texano. “Falamos de política, contamos piadas, cantamos”. Se diz decepcionado com a Carolina do Norte: “estão com um século de atraso, [todavia] já começam a esfregar os olhos”. Há pinheiros por todos os lados, “até a linha do horizonte”. Mas a igreja é grande e forte. No domingo, vai a uma conferência metodista em companhia de duas jovens. Fica surpreso porque o pregador era uma mulher casada:

O sermão foi mal apresentado, mas de substância tolerável. A calma e a segurança da mulher foram admiráveis; ela se levantou, protegida por um chalé pardo, com um chapéu, óculos e luvas, e anunciou o texto: “longe de mim o gloriar-me” etc. Retirou os óculos, tomou um gole de água, enxugou os lábios com um lenço e finalmente, depois de olhar em silêncio o salão lotado e exibir pelo espaço de meio minuto toda a sua segurança, começou a longa história de Paulo e várias outras pessoas. Ela é membro

da Igreja Metodista Protestante, um ramo da Igreja Metodista Episcopal, da qual difere porque dá oportunidade aos leigos de opinarem junto ao governo eclesiástico.

Cheraw, Carolina do Sul

Outra longa viagem de diligência, sob um frio intenso, abaixo de zero. Gelo na estrada. Já em Cheraw encontra por acaso na rua um velho conhecido de Princeton, em cuja casa se hospeda. O pai dele “é pastor presbiteriano, presidente do banco, diretor da Companhia de Estrada de Rodagem e também secessionista fanático, tendo já publicado um ou dois panfletos separatistas”. É convidado para ser professor assistente da academia, com um salário de 400 dólares e todas as despesas de refeição, roupa lavada e eventuais pagas no primeiro ano. Registra que é contra sua natureza “ir de casa em casa pedindo assinaturas e nada conseguindo” e se desculpa: “Em Cheraw não funcionei como agente, uma vez que havia possibilidade de morar aqui”.

Winnsboro, Carolina do Sul

O trajeto entre Cheraw e Winnsboro (139 quilômetros nas estradas atuais) foi inusitado. Depois de rodar quase a metade do caminho, a diligência parou no meio da noite e no meio de uma densa floresta de pinheiros. Lá estava na escuridão o trem que os passageiros da carruagem deveriam tomar, com “fraca luz da locomotiva e seus bufos profundos”. Havia umas seis ou sete pessoas no vagão, mas conforme o trem avançava, outros passageiros foram entrando até ficar cheio. Para o trem parar bastava ficar entre os trilhos tendo na mão uma tocha de galho de pinheiro. A decepção com o Sul continua: “Há tanto tempo espero o Eldorado, que já estou começando a desconfiar que não existe”. “Winnsboro é um lugar agradável, mas os arredores são lúgubres.”

Columbia, Carolina do Sul

Conversa com James Henley Thornwell, homem de grande projeção entre os presbiterianos americanos, mas a favor da escravidão. Registra:

Acordei, vesti-me e alimentei-me como um cavalheiro e depois, fui trabalhar como agente. Recebi uma ou duas contas, mas não tive sucesso em conseguir [novos] assinantes. É evidente que muitos receiam qualquer coisa publicada ao norte da linha Mason Dixon [a linha que separava os estados não escravagistas dos escravagistas], mesmo sendo algo tão antiquado e conservador como o [jornal] *Presbyterian*. Quem não pode engolir as doutrinas do *Presbyterian* deve ser hipersensível até a morbidez. Com repugnância lavei as mãos de todo esse negócio, e não mais irei falar na qualidade de agente.

Acha a cidade muito bonita, cheia de árvores e jardins, até agora a melhor das cidades sulinas. Não há aquele amontoado de trabalhadores pobres em becos e ruas.

Atlanta, Geórgia

Encontra-se com seu irmão James e volta a ter sua companhia na viagem. Passa por Augusta, Decatur e Cartersville. Na saída de Augusta não toma o café da manhã para economizar 50 centavos e aumentar o apetite para o almoço, que só iria acontecer às duas e meia da tarde. Tem boa impressão da Geórgia, mas não de Cartersville: “Concluí que Cartersville fora um logro e no mesmo dia retorno para Atlanta com péssimo humor”. Passa três dias em Atlanta. Verifica que tem pouco dinheiro no bolso: menos de 60 dólares. Resolve ir para o Alabama. Na ida passa por Griffin e LaGranje. Toma emprestado um cavalo para visitar os responsáveis pela Academia dos Fazendeiros. Escreve: “Fiquei dolorido dois ou três dias por causa dessa cavalgada. Preferiria ter sido rodado dentro de um barril a passar o que passei, nas mãos daquele pangaré mal alimentado e mal tratado”.

Marion, Alabama

Falha na tentativa de conseguir emprego. Os lugares de professores estão todos preenchidos para 1853. Apesar de ter apenas 20 dólares no bolso e nenhum emprego à vista, “o moral ainda está alto e o coração forte”.

Eutaw, Alabama

É domingo. À tarde vai à Escola Dominical para negros e por insistência deles volta à noite e canta com eles.

Columbus, Mississippi

É informado de que deve haver um ou dois lugares vagos em alguma escola rural. Não dá certo. O dinheiro está acabando e só restam 12 dólares. Registro de 9 de dezembro de 1852: “A crise chegou. Ou tomamos dinheiro emprestado ou empenhamos os relógios ou roubamos. São esses três caminhos abertos e vamos experimentá-los nessa ordem”. De repente “um raio de esperança ilumina nosso sombrio horizonte: temos dois ou três empregos em vista em Starkville”.

Aberdeen, Mississippi

Conhece um comerciante que morava na Pensilvânia antes de se instalar na cidade. Consegue com ele um empréstimo de 50 dólares em curto prazo. Esse dinheiro “vai manter a nossa cabeça fora da água por algum tempo”.

Starkville, Mississippi

Chega em meados de dezembro de 1852, depois de quase um mês e meio de peregrinações. Sente-se bem-vindo! Começa a lecionar na Academia de Starkville no dia 4 de janeiro de 1853, de 8 da manhã ao meio-dia e das 2 às 5 e meia da tarde. Faz amizades. Apaixona-se por Cattie, uma jovem da Carolina do Sul que foi passar alguns dias em Starkville, mas não “dá em nada”, porque o pai da moça se opõe (veja detalhes no capítulo 19). Comemora o 20º e o 21º aniversários no Sul e, depois de três semestres, volta para a Pensilvânia, em julho de 1854.

O regresso de Simonton a Harrisburg nada tem a ver com a experiência do filho pródigo da parábola de Jesus. Porém, o que aconteceu com o filho mais novo daquele senhor da parábola aconteceu também com o filho mais novo do médico William Simonton.